

PSICOANÁLISIS, LO SOCIAL Y LA SENSIBILIDAD
TERAPEUTICA PARA ACOMPAÑAR A LAS
NIÑAS, NIÑOS Y ADOLESCENTES
“ANALISTAS TRABAJANDO EN TIEMPOS DE CRUELDAD...”

PSICANÁLISE, SENSIBILIDADE SOCIAL E TERAPÊUTICA
PARA ACOMPANHAR CRIANÇAS E ADOLESCENTES
“ANALISTAS TRABALHANDO EM TEMPOS DE CRUELDADE...”

PSYCHOANALYSIS, THE SOCIAL DIMENSION, AND
THERAPEUTIC SENSITIVITY IN SUPPORTING CHILDREN
AND ADOLESCENTS
“ANALYSTS WORKING IN TIMES OF CRUELTY...”

Susana Mindez (AEAPG)
ORCID: 0009-0009-9457-7903
Correo electrónico: susanamindez@gmail.com

Fabián Actis Caporale (AEAPG)
ORCID: 0009-0004-7632-2150
Correo electrónico: factiscaporale@yahoo.com.ar

Dirección de Investigaciones de FLAPPSIP

Fecha de recepción: 08 -03- 2025
Fecha de aceptación: 07 – 05 - 2025

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Mindez S. Actis Caporale F. (2025) PSICOANÁLISIS, LO SOCIAL Y LA SENSIBILIDAD TERAPEUTICA PARA
ACOMPAÑAR A LAS NIÑAS, NIÑOS Y ADOLESCENTES
“Analistas trabajando en tiempos de crueldad...”

Intercambio Psicoanalítico 16 (1), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/16.1.8
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

PSICANÁLISE, SENSIBILIDADE SOCIAL E TERAPÊUTICA PARA **ACOMPANHAR** CRIANÇAS E ADOLESCENTES

“Analistas trabalhando em tempos de crueldade...”¹
Apresentado na Simpósio Clínico da FLAPPSIP 2024

1 Este artigo apresenta o desenho de uma pesquisa em andamento no âmbito do Espaço de Pesquisa FLAPPSIP inaugurado em 2022, sob a coordenação de Marta De Giusti. Trata-se de uma pesquisa qualitativa voltada para a análise da subjetividade de migrantes púberes e adolescentes por meio de obras literárias de María Teresa Andruetto. Autores: Actis Caporale, F., Cernadas, J., Diament, L., Mindez, S., Zanotto, A. AEAPG-FLAPPSIP.

Susana Mindez (AEAPG)²

Fabián Actis Caporale

(AEAPG)³

Diretoria de Investigações de FLA-
PPSIP

“Só podemos esperar que ... o eterno Eros implante suas forças para vencer a luta com (Thanatos), seu adversário não menos imortal. Mas quem poderia prever o Resultado final?”

“O mal-estar na cultura” S. Freud (1929).

Introdução

A psicanálise, a partir de uma perspectiva sócio-histórica, oferece uma perspectiva teórico-clínica inestimável para compreender a dinâmica psíquica ligada aos contextos sociais. Essa abordagem abrange a interseção do indivíduo com a cultura, com a sociedade e com as estruturas de poder. A partir dessa perspectiva de vinculação e intersubjetiva, nossa prática está em permanente busca de montagem; entre os conceitos adquiridos e a clínica que nos desafia. Somos acompanhados nesta jornada por referências como Marilú Pelento, Ignacio Lewkowicz, Silvia Bleichmar, Marité Cena, Mario Wasserman e Janine Puget, entre outros, que contribuíram significativamente para nossa identidade como psicanalistas comprometidos.

Marilú Pelento, foi uma analista com um enorme compromisso com o sofrimento, principalmente com as crianças, deixou-se embeber pelas mudanças e circunstâncias sociais da Argentina para nos transmitir um modelo não estereotipado, sempre aberto às novas exigências que a sociedade colocava. O terrorismo de Estado, com os níveis muito elevados de sofrimento que causou, não poderia deixá-lo à margem. Ele se envolveu, com os traumas, as dores que as violações dos direitos humanos geraram em nosso país e usou as ferramentas que a psicanálise lhe ofereceu para pensar.

Janine Puget, por outro lado, enfoca a intersubjetividade e as relações de vínculo, argumentando que as experiências subjetivas são profundamente influenciadas pelos vínculos e redes sociais nas quais os indivíduos estão imersos. Sua abordagem ressalta a importância de considerar a dinâmica relacional e contextual no tratamento psicanalítico.

2 Licenciada em Psicologia (UBA, 1993), Especialista Clínica em Psicanálise de crianças pela UNLM-AEAPG (2008). Professora titular da pós-graduação “Curso superior de crianças e adolescentes” na AEAPG. Ministrante do seminário: “Problemáticas atuais nas infâncias”. Membro associado da AEAPG. Integrante da Área de Infância e Adolescência da AEAPG. Coautora do livro “Primeira Infância. Psicanálise e pesquisa”, capítulo: Dimensões do brincar mãe-bebê no primeiro ano de vida. Organizadora: Clara R. de Schejtman. Editora Akadia, 2008. Pós-graduação em Terapia Sistêmica Relacional com Famílias e Casais (2023, Fundação Famílias e Casais).

3 Fabián Actis Caporale – Psicanalista. Professor convidado do Programa de Atualização em Psicanálise com Crianças e Adolescentes (UBA, Dr. Ricardo Rodolfo). Coautor de “Violência Social: Conceituação Psicanalítica e Interdisciplinar”, “Adolescência, hoje” e * “Adolescências vulneradas

Silvia Bleichmar foi uma psicanalista, intelectual e pensadora lúcida argentina, questionadora e comprometida com a teoria e a clínica psicanalítica. Em seus numerosos livros e artigos, ele exibiu seu pensamento em relação à herança e ao futuro da psicanálise. Em 2001, movida pelo sofrimento humano causado pela crise desencadeada em nosso país, publicou *Dolor país*, no qual enfatizou que as necessidades subjetivas devem ser uma prioridade sobre os números de risco do país. Somos acompanhados, nesta apresentação, por suas palavras que expressam: “Ter empatia com o sofrimento do outro é senti-lo como responsabilidade própria”.

Ignacio Lewkowicz explora a relação entre história, discursos sociais e formação do eu, propondo uma psicanálise que desmonta estruturas normativas e cultura e permite novas formas de subjetividade. Marité Cena aborda a exclusão social e seu impacto na saúde mental, promovendo uma prática psicanalítica sensível às realidades sociais dos sujeitos.

Mario Wasserman vincula a psicanálise às ciências sociais, destacando a necessidade de considerar os aspectos culturais no processo terapêutico.

O movimento que surgiu da Associação Psicanalítica Argentina (APA), denominado Plataforma e Documento, é um espaço que reflete essa abordagem integradora da psicanálise social, facilitando a discussão e o intercâmbio entre ideias mais essencialistas e outras com mais vínculos com o contexto social. A Reference Buenos Aires, como instituição psicanalítica, tem desempenhado um papel crucial na promoção dessa perspectiva, formando analistas comprometidos com uma visão ampla, social e crítica da psicanálise.

Os autores acima mencionados nos convidam a considerar tanto a dimensão individual quanto a complexidade dos contextos sociais e culturais em que os sujeitos estão inscritos. Essa visão integrativa enriquece o campo da psicanálise e oferece ferramentas mais robustas para enfrentar os desafios psíquicos e sociais de nosso tempo. Os autores supracitados destacam a importância das condições sócio-históricas na configuração das subjetividades, destacando como as mudanças sociais e políticas impactam o psiquismo individual, os vínculos e a psicofera (Berardi, 2001). Exploram a relação entre história, discursos sociais e formação de si, propondo uma psicanálise que desmonta estruturas culturais normativas e permite novas formas de subjetividade.

I- A NOSSA ABORDAGEM

Esta apresentação é baseada no que temos trabalhado no âmbito da pesquisa intitulada “Uma leitura psicanalítica atual sobre as migrações da puberdade e adolescentes para e na Argentina através de obras literárias de María Teresa Andruetto.[4] “Stefano” e “ O país de João “. Nesta ocasião, “ O país de João nos convoca.

Nosso objetivo é brincar com uma espécie de “miscigenação psicanalítica”, buscando aprofundar a complexidade e a diversidade do campo conceitual que, sem dúvida, busca vitalidade e eficácia. Acreditamos que, hoje e sempre, somos desafiados pela dinâmica da realidade com suas constantes mudanças e transformações. Convida-nos a refletir sobre nossa identidade como sujeitos sociais ativos e comprometidos em uma comunidade psicanalítica argentina e latino-americana.

II- CÓMO OS PSICANALISTAS ABORDAM O “JOÃO”?

Como mencionado neste trabalho, recorreremos à literatura pela mão de nossa querida María Teresa Andruetto. Esta escritora argentina contemporânea se distingue por uma profunda empatia pelo sofrimento e uma notável capacidade de narrar as histórias daqueles que enfrentam injustiça e opressão, abordando os toques subjetivos que dão singularidade às suas histórias. Seu compromisso com a sensibilidade social – a migração é um exemplo disso – se reflete em seu esforço para abordar questões difíceis e promover empatia e compreensão entre os jovens leitores. Seu trabalho para crianças e adolescentes não foge da complexidade, mas convida os jovens a refletir sobre suas próprias realidades e as dos outros. Andruetto foi capaz de capturar com grande sensibilidade as complexidades da condição humana, particularmente através das histórias daqueles que foram silenciados ou invisibilizados.

“ O país de João” aborda a história de João, que vive em uma cidade rural na Argentina. A narrativa se concentra em sua vida e nos desafios que enfrenta em um contexto marcado pela violência e pela pobreza. O livro segue João enquanto ele navega pelas dificuldades cotidianas e busca seu lugar em um mundo que parece estar desmoronando ao seu redor. A história reflete a luta de João para encontrar esperança e significado em meio à adversidade, mostrando sua resiliência e capacidade de sonhar apesar das circunstâncias difíceis. Andruetto usa linguagem poética e evocativa para pintar um quadro vívido do ambiente rural e da vida de seus personagens. O romance explora temas como injustiça social, resistência e a importância da memória e da identidade na formação do indivíduo.

Continuando com nosso “jogo integrador” entre nossas ferramentas conceituais e a história de João, gostaríamos de apontar a validade dos conceitos de desamparo e desamparo. Ambos, embora relacionados, apresentam diferenças significativas em seu uso e contexto. O

⁴O presente escrito expõe o delineamento de uma pesquisa em andamento no âmbito do espaço de investigação da FLAPPSIP, inaugurado em 2022, sob a coordenação de Marta De Giusti

desamparo refere-se a um estado de desamparo e vulnerabilidade em que uma pessoa não possui os recursos necessários para enfrentar uma situação adversa, implicando em falta de habilidades, apoio ou meios para agir. É usado para descrever o sentimento de desamparo que alguém pode experimentar diante de circunstâncias avassaladoras. Por outro lado, o desamparo denota uma condição em que uma pessoa é abandonada ou desprotegida, sem o apoio e assistência de outras pessoas, especialmente em momentos de necessidade. A falta de moradia dá ênfase particular à ausência de proteção externa, muitas vezes associada à falta de cuidado e apoio emocional da comunidade ou de figuras de autoridade.

Em suma, enquanto o desamparo destaca a falta de recursos ou capacidades internas, o desamparo destaca a falta de apoio e proteção externos. Seguindo a linha iniciada por nossos referentes, pensamos que a presença do desamparo social tem grande influência na produção da subjetividade desamparada e que sua negação contribui para gerar o desamparo subjetivo.

Em " O país de João ", o "infortúnio ordinário" freudiano⁵, sofrimento *psíquico ordinário*, é claramente diferenciado dos *efeitos psíquicos traumáticos* (como definimos em nossa pesquisa) ligados ao social e migratório. O *sofrimento psíquico comum* se manifesta nas dificuldades cotidianas de João, como a luta para encontrar sua identidade e lugar em um ambiente rural empobrecido. Esse tipo de sofrimento faz parte da experiência humana comum, relacionada às incertezas e desafios da vida cotidiana de acordo com uma etapa vital do ser humano que busca novas oportunidades fora do ambiente endogâmico e conhecido. Em contraste, os efeitos traumáticos do social e migratório se refletem nas cicatrizes profundas deixadas pela violência sistêmica (S. Zizek) ou *violência* estrutural na desintegração do tecido social e familiar. A busca por melhores oportunidades expõe João e outros personagens à perda e ao desenraizamento, gerando um efeito psíquico traumático que vai além das dificuldades cotidianas, afetando profundamente seu senso de pertencimento e sua identidade. Vemos isso nos momentos em que João viaja para a cidade depois de ter perdido as possibilidades de sustento em seu lugar de origem e depois da experiência de aprender a lutar por tudo o que era necessário em Villa Cartón", os "homens violentos" o trancam na prisão. Poderíamos pensar que o desamparo e a vulnerabilidade estão entrelaçados em um tecido que resiste a sustentar o sujeito de quedas e colapsos psíquicos. Agora, se o contexto se torna cada vez mais hostil, as forças subjetivas diminuem e os sujeitos saem do mapa.

⁵ Sigmund Freud fala da "infelicidade comum" em sua obra *O mal-estar na civilização* (*Das Unbehagen in der Kultur*), publicada em 1930. Neste livro, Freud explora a tensão entre os desejos individuais e as exigências da sociedade, e como essa tensão gera um mal-estar inevitável nos seres humanos.

III- A TÍTULO DE FIM

A psicanálise oferece um vasto campo de ferramentas e desenvolvimento empírico/clínico que dá conta do impacto que sua experiência produz nos diferentes ambientes sociais com os quais dialogamos. A partir de sua perspectiva mais ampla, e por meio da *narração* e da construção da *experiência*⁶, pensamos que é uma ferramenta privilegiada para a elaboração da dinâmica intrapsíquica, da história individual e familiar. Esse processo inclui os efeitos sociais que configuram as subjetividades individuais.

“O país de João “ nos é apresentado como um espaço onde os efeitos traumáticos da crueldade político-social podem circular. Oferece um reino de ressonância e elaboração narrativa que protege e acomoda o indivíduo. Ao propor um refúgio onde a palavra pode fluir, acomodando a incerteza e registrando a crueldade, a psicanálise combate a pobreza representacional e a experiência da exclusão. Esse processo não apenas facilita a integração subjetiva, mas também a construção da *experiência*, enriquecendo a vida psíquica individual e comunitária.

Agora, João nos desafia, nos convoca, sua voz quer ser ouvida. Quem é João? É outra pessoa, um semelhante? Representa um valor humano que incomoda porque produz despesas e não entra no mercado de ações? Ignorá-lo como sujeito social constituiria uma posição que não podemos nos permitir a partir de nossa ética e história psicanalítica (Bleichmar, 2013). Questionamo-nos sobre a validade da *neutralidade* tal como era pensada nos tempos freudianos e sua relevância em tempos em que predomina um discurso violento e cruel, desprovido de investida humanizadora. Hoje o poder real, ou seja, o poder econômico, decide e orienta através da mídia e das redes, aprimorando os algoritmos que hoje moldam a psique de populações jovens como a do nosso João.

E com o que contamos?

Consideramos que os “Joãos “ somos todos nós, ou seja, não são apenas “eles” que são deslocados, pois estamos no mesmo “tecido social”, entrelaçados com os fios do mesmo tear.

Pensamos que estes são tempos de construções coletivas com os outros, para armar e construir redes de consensos que resistem e que dão voz sensível onde o poder exerce a crueldade que convoca o silêncio. A psicanálise como campo científico e como prática micropolítica tem a oportunidade de ser uma prática sociocultural de crítica e com poder de “revolta” (Kristeva, 1996), ou seja, com a capacidade elaborativa necessária para retomar a história – individual e social – repetidas

vezes, até que um novo posicionamento seja construído. De acordo com Kristeva, a origem sânscrita do termo alude a “retroceder e retornar ao futuro”. É nesse processo de recuperação das raízes para problematizá-las e colocá-las a serviço dos projetos de construção que consideramos que a psicanálise tem muito a dizer. Juntamente com J. Derridá (Derridá, 2000) pensamos que o poder da psicanálise se encontra em sua capacidade de questionar a si mesmo e aos outros. Nesse sentido, é necessário colocar a prática clínica e a teoria em contato com o potencial psicanalítico de questionar a “crueldade”, fazê-lo “sem álibi” de qualquer tipo, especialmente sem as evasões propostas por outros discursos que falham diante da crueldade que vemos em nossa clínica.

Por outro lado, sabemos que a clínica é uma prática herdada de seu tempo e de suas políticas, e que tem efeitos reais na comunidade. Nesse sentido, consideramos o poder – nos termos de Spinoza – como um poder imanente e em situação, não como dominação. Talvez nossa busca precise ser desenvolvida esquivando-nos de posturas niilistas enquanto passamos por esse momento de não saber, de não entender, de desconfiar, tentando não cair na passividade romantizada da esperança ingênua. Mas, ao mesmo tempo, construindo um discurso psicanalítico que dê conta do traumático e também possibilite recuperar o potencial de revolta que mantém viva nossa prática.

Nosso compromisso com a saúde mental de crianças e adolescentes é atravessado por essas questões e questionamentos psicanalíticos. E os efeitos desses encontros de hoje, as reflexões que estão surgindo neste encontro, nos fazem sentir o efeito de comunidade que nos abriga no futuro e na existência, fortalecendo-nos para continuar a renovação de nossa clínica.

⁶ Donald Winnicott fala de “experiência” referindo-se ao processo pelo qual um indivíduo interage com seu ambiente, especialmente no contexto da relação mãe-bebê. Para Winnicott, a experiência é fundamental no desenvolvimento do self autêntico, permitindo à criança sentir continuidade e coerência em sua existência. Essa interação facilita o crescimento emocional e a capacidade de estar só.

Referências bibliográficas

- ANDRUETTO, M. T. (2018). El país de Juan. Ed. Sudamericana.
- BERARDI, F. (2003). La fábrica de la infelicidad. Trabajo emocional y precariedad (M. P. Ortega, Trad.). Traficantes de Sueños. (Trabalho original publicado em 2001).
- CAVAGNIS, M. E., FARNEDA, P., GASPARINI, C., GLASSERMAN, M. R., MARCOFF, M., MÉNDEZ, M. L., SIBILIA, C., & STROCOVSKY, C. (2014). Pensar la clínica. Nuevos mundos posibles. Fundación Familias y Parejas.
- DERRIDA, J. (2000). Estados de ánimo del psicoanálisis: Lo imposible más allá de la soberana crueldad.
<https://www.coursehero.com/es/file/214678601/Derrida-Jacques-Estados-de-%C3%81nimo-del-Psicoan%C3%A1lisis-pdf/>
- KOHAN, A. (2023, marzo 15). Refugios. Nota de opinión. El Diario.
<https://www.eldiario.com/opinion/refugios-1-10459193.htm>
- PONS, A. (2011, noviembre 12). Julia Kristeva: Revuelta y psicoanálisis. Clionauta: Blog de História.
<https://doi.org/10.58079/my7n>
- KRISTEVA, J. (1996). Sentido y sinsentido de la revuelta. Ediciones Siglo XXI.